

O PROJETO TECITURAS E A LITERATURA NA MELHOR IDADE: A (RE)CONSTRUÇÃO DE SIGNIFICADOS A PARTIR DO DISCURSO LITERÁRIO

Thaís Fernandes de Amorim (UFRA)¹
Geovane Silva Belo²

RESUMO

Este artigo objetiva refletir acerca do fazer literário na vida dos idosos, a partir do desenvolvimento da oficina intitulada “Literatura não tem idade”, ação do Projeto de extensão “Tecituras, Diálogos entre Literatura, Música e Cultura”, da Universidade Federal Rural da Amazônia-UFRA, campus Tomé Açu/Pa. O letramento literário de idosos é compreendido como ação vivenciada e experimentada em diferentes vieses. Uma investida que precisa, muitas vezes, ser conquistada, tendo em vista que muito idosos não passaram por práticas de leitura e escrita significativas, tais como aquelas que os textos literários possibilitam, ao proporcionarem refletir e viajar por diversos temas, gêneros, espaços de práticas verbais, nos termos da análise do discurso. Tal discussão, portanto, é subsidiada nas discussões da AD (MAINGUENEAU, 1987, 2004), Foucault (1981), Pêcheux (1990) e no debate acerca do papel da literatura (LAJOLO, 2018) no que tange ao discurso literário (uma vez que a delimitação do que seria ou não literatura depende de cada posicionamento e de cada gênero no interior de certo regime da produção discursiva).

Palavras chaves: Literatura, Análise do Discurso, Discurso Literário, Tecituras.

INTRODUÇÃO

A literatura tem como espaço narrativo e de representação vários mundos: alguns parecidíssimos com o nosso, com suas desreguladas relações, onde, por exemplo, há aflição, mágoa e indiferença, onde gente morre de fome nas ruas; mas também fala de mundos muito diferentes, aterrorizantes, distópicos, habitados por espíritos, anjos, vampiros, energias e demônios. A literatura traz também uma cortina aberta para o amanhã, uma efusão de eventos pós-apocalípticos e um avançado olhar futurístico para a ciência robótica, com seres naturais manipulados em laboratório.

¹ Professora Assistente da Universidade Federal Rural da Amazônia - UFRA. Doutoranda em Estudos Literários - UFPA. Mestre em Comunicação, Cultura e Linguagem - UNAMA. Especialista em Gestão Escolar - CESUPA. Especialista em Educação Especial, ênfase em LIBRAS - FIBRA. Especialista em ensino-aprendizagem de Língua Portuguesa – UFPA. Integrante do grupo de pesquisa em Literatura, Cultura e Sociedade (GELICS), no qual coordena a linha de Estudos Comparados: narrativas, tradução, leitura e recepção. E-mail: amorimthas@yahoo.com.br

² Professor Assistente da Universidade Federal Rural da Amazônia - UFRA. Doutor em Educação – UFPA. Coordenador do Projeto de Extensão “Tecituras, Diálogos entre Literatura, Música e Cultura”. E-mail: geovanebelo@hotmail.com



Há histórias sobre civilizações jamais vistas, carregadas de um imaginário paralelo ao que consideramos real, um espaço multiverso, em que palavras falam como imagens e histórias são performaticamente gestos, memórias, forças ideológicas que metaforicamente se assemelham as múltiplas fisionomias da cultura, trazem o eco da resistência e simbolicamente também representam sistemas totalitários, truculentos e perversos. Há ainda poemas que são imagens, *ethos* do nosso ninho de afetos, imagens que revelam nossa estrutura de sentimentos... Poemas curtinhos, empilhando palavras, como um jogo aberto a uma linguagem nova, em que rima ou vazão falam do nosso tempo líquido, da nossa desmedida velocidade de sentir. A literatura hoje tem espaço para tudo. É bem verdade que algumas nem ocupam o mundo material, pois estão em nuvens, são digitais, flutuam na cibercultura.

Diante de uma teia de representações tão complexa, poderíamos dizer que literatura é aquilo que designamos como tal? Por que não incluir no conceito de literatura as palavras escritas sobre o regime do silêncio, engavetadas, como os diários de muitas mulheres, cujas vozes não podiam ocupar um lugar de realce, pois sofria apagamentos históricos? Por que não considerar poético o poema enviado à namorada e jamais publicado? Por que não chamar de literatura as histórias de encantarias, à beira dos rios, sobre seres mágico-religiosos, que povoam as narrativas orais, à hora de dormir? E a *fanfiction* que dá vida mais longa a personagens de romances e de novelas mais antigas? Por que não seriam literatura as narrativas que os jovens fazem circular nos blogs, em comunidades virtuais, cujos receptores recriam em uma ação reativa quase simultânea?

Lajolo (2018) lembra que um texto literário não é como uma aranha, que aranha é desde quando nasce. Foi aranha no Egito antigo, entre os índios do Arizona e continua a ser aranha nos cybercafés cariocas. Com um texto é diferente: a literatura pode vir a ser ou deixar de ser ao longo do tempo. Discutir literatura é abrir os olhos e ouvidos, mas também desver o mundo como o conhecemos, iniciar o *tablete* e recolocar-se na página de um outro mundo, olhar/ouvir o que o mergulho narrativo traz. Ler livros como quem medita, como quem edita paisagens anteriores, sobre as frases pintadas a spray em muros e edifícios da cidade, ir em busca de nomes desconhecidos, cujas obras são difíceis de serem encontradas, não constam em bibliotecas e ninguém fala delas. Esses desconhecidos imprimem às vezes seus próprios livros e não encontram leitores para além da família e dos amigos mais próximos. Em pequenas comunidades, cantadores, repentistas, contadores de histórias – embora só raramente projetem seus nomes nos circuitos eruditos das grandes cidade – são amados e respeitados por um público, que é fiel a eles.



Segundo Lajolo (2018, p.27) para que uma obra seja considerada parte integrante da tradição literária de uma dada comunidade ou tradição cultural, é necessário que ela tenha o endosso dos *canais competentes* aos quais cabe a proclamação de um texto como *literatura* ou *não literatura*, isto é, a *literarização* de certos textos. Algumas das vozes responsáveis pela literarização ou desliterarização de um livro ou de um texto são nitidamente institucionalizadas, dentre elas está a escola, tão recorrente que convencionou-se nos estudos literários, falar de escola romântica, escola realista etc. Nesta perspectiva, tratar a Literatura como discurso literário faz com que se dê uma maior legibilidade a uma grande parte dos textos literários. Para Maingueneau (2004, p.19), ao falarmos, hoje, de discurso literário:

[...] renunciamos à definição de uma centro ou um lugar consagrado. As condições do dizer atravessam o dito, que investe suas próprias condições de enunciação (o estatuto do escritor associado ao seu modo de posicionamento no campo literário, os papéis ligados aos gêneros, a relação com destinatário construída através da obra, os suportes materiais, os modos de circulação dos enunciados.

Estabelecemos, então, que literatura não tem apenas uma definição, tal como arte e cultura, complicadíssimas em definir. Neste diapasão, encontramos a proposta do projeto Tecituras, que propõe um diálogo entre literatura, música e cultura. Em especial, a ação intitulada “Literatura não tem idade”, na qual se realizou um trabalho de letramento literário com idosos, na perspectiva de o fazer literário alcançar uma dimensão contemplativa, simbólica e social. A atividade aconteceu na cidade de Tomé-açu, no auditório do Campus da Universidade Federal Rural da Amazônia, no dia 28 de junho de 2019.

O PROJETO TECITURAS

O projeto “*Tecituras, Diálogos discursivos com a música, a literatura e a cultura*” é um projeto de extensão universitária desenvolvido pela Universidade Federal Rural da Amazônia – UFRA, Tomé Açu/ Pa. Conta com professores e alunos do curso de Letras e objetiva analisar discursos e produzir amplamente o conhecimento linguístico sobre práticas discursivas em diálogo com a música, a literatura e a cultura, bem como integrar alunos e professores em ações interdisciplinares que possam auxiliar da formação acadêmica, profissional e social. Pretende também divulgar os estudos discursivos como formas de produção do conhecimento; construir um diálogo entre a Universidade e os meios de Comunicação em Tomé-açu, por meio da leitura e da interação social, com o intuito de motivar e gerar interesse constante pela linguagem acadêmica.



A ideia do projeto na edição de 2018-2019 foi realizar ações extensionistas de multiletramentos com a comunidade, que estabelecessem o diálogo entre textos musicais, poéticos e referenciais, relacionados por um tema norteador, cuja dimensão evocasse práticas discursivas sobre a cultura e a história como forças de representação da sociedade e das suas múltiplas construções sociais, ideológicas e identitárias. A metáfora da Tecitura alude à ideia de estudar as teias da composição, o entremear dos sentidos textuais, os discursos entremeados às práticas culturais e ao pensamento social como linhas da criação artística, da artesanaria histórica e na qual se podem discutir os movimentos, a produção, a narratologia, a poeticidade e também a história intelectual e o percurso destes criadores, enleados em situações reais de comunicação. Tecer no sentido de “urdidura”, fios cruzados, na medida em que o processo de entrelaçamento dos sentidos dá-se como em um tear, um exercício tecidual *do textual, do intertextual e do intratextual*. O diálogo entre o texto e o discurso permite encontrar as vozes intercambiantes, os interdiscursos que produzem conversações com os fatos sociais e os fatos linguísticos.

O projeto voltou-se então à concepção discursiva dos produtos textuais e às condições de produção dos discursos no fluxo da história avaliando fatores linguísticos e extralinguísticos, ou seja, a relação intrínseca da arte musical e literária com o meio social.

Já na edição 2020-2021, o Projeto passou a integrar os multiletramentos e a iniciação científica, por isso foi renomeado como “*Tecituras, Múltiplas linguagens e Produção Científica*” e envolve alunos dos outros cursos do campus e objetiva também realizar oficinas e minicursos de letramento acadêmico com o intuito de aperfeiçoar a comunicação diante dos desafios linguísticos da ciência formal.

Inicialmente, o projeto teve a duração de doze meses e contava também com um programa radiofônico que trazia análises das canções e produções literárias sucintas, com linguagem clara, abordagem crítica e sem rebuscamentos teórico-metodológicos, uma vez que o programa era dirigido a um público amplo que propiciasse a conexão entre a Universidade, o Curso de Letras e os demais Cursos do campus de Tomé-açu.

O ouvinte, ainda que não partilhasse de teorias discursivas, ouviria canções, fragmentos literários, recortes jornalísticos e poderia conhecer a visão dos seus idealizadores, os conflitos das gerações, os embates sociais nos trabalhos mais engajados e os recursos utilizados na produção discursiva. Desse modo, a música como discurso poderia ser concebida como um texto não só universal, mas pluriversal, no qual os intelectuais apresentam sua concepção de mundo, fazem



circular suas ideias, em redes de sociabilidade e com um sentimento de pertencimento a grupos sociais e a fluxos ideológicos.

As análises, a seleção textual e a musical ficariam a encargo da equipe integradora do projeto, a revisão textual e apresentação envolveriam os alunos, o professor coordenador e o convidado em práticas orais veiculadas pela rádio, com forte alcance social e com o objetivo de formação e difusão da comunicação linguística.

Estudar textos literomusicais significa vê-los como objetos que dão sentido aos atos da coletividade, os modos de sentir, de pensar e de se posicionar diante dos fatos histórico-sociais. A teoria da Análise do Discurso - AD deu suporte teórico para as construções analíticas, categorias como posicionamento, comunidade discursiva e domínios enunciativos puderam guiar a descrição das músicas levando em conta as condições de produção e a formação discursiva dos artistas no meio cultural.

Uma análise dos textos apontaria para uma leitura não só do processo de criação dos compositores, dos músicos e dos intérpretes, mas dos discursos que impulsionam e contornam a concepção artística. Como há uma constituição de uma consciência coletiva acerca dos fatos socioculturais, os artistas adquirem um papel de enunciadores com ponto de vista privilegiado e suas músicas tornam-se um discurso constituinte, como diz Dominique Maingueneau (1987), pois dá sentido aos atos da coletividade e produz uma memória intersubjetiva na qual se movem questões relativas à memória coletiva. Por isso as metáforas, a interdiscursividade e a intertextualidade, como dispositivos linguísticos, demonstram a capacidade inventiva e as interfaces da música na adesão, nem sempre consciente, aos fenômenos culturais. No processo enunciativo, os criadores, os intérpretes e os ouvintes, por meio das plataformas interativas, constituem-se sujeitos concretos em diálogo com a história, com os conflitos, em busca de sentidos para si e para suas experiências humanas.

Para Maingueneau (1987), é necessário em uma análise discursiva avaliar as dimensões do quadro das instituições em que os discursos se produzem, que marcam fortemente a enunciação; os embates histórico-sociais que se cristalizam no discurso e o espaço próprio que cada discurso configura no interior de um interdiscurso.

Desse modo, a música e os textos poéticos apresentam uma linguagem que não deve ser estudada apenas em relação a seu sistema interno, linguístico ou estético, mas como uma prática discursiva, produzida por sujeitos concretos em sua formação ideológica, no qual se manifestam competências socioideológicas. Nesta vertente da AD francesa, ganha força a relação entre o discurso



e a ideologia. Pêcheux (1990), um dos analistas franceses mais influentes, elabora estudos sobre “formações ideológicas”, sob a influência dos conceitos de *Aparelhos Ideológicos* de Althusser e sobre “formação discursiva”, expressão tomada de empréstimo da obra *Arqueologia do Saber* de Michel Foucault (2008).

O compositor musical, o literato podem também assumir a função de intelectuais e adquirirem um papel de representação. Edward Said (2007) pensa o intelectual como um indivíduo cuja vocação é a de representar, dar materialidade e produzir uma mensagem, um ponto de vista, atitudes, pensamentos, filosofias para e por um público. Este papel só pode ser representado tendo em consciência a função de levantar questões graves, confrontar dogmas, ou seja, o intelectual é alguém que não pode ser facilmente coagido pelo poder dos governos ou instituições, aquele cuja razão é representar as pessoas e os problemas que são esquecidos ou camuflados. Assim, Said (2007, p.15) estuda o intelectual como “[...] *figura representativa – alguém que visivelmente representa certo ponto de vista, e alguém que articula representações a um público, apesar de todo tipo de barreiras*”.

O intérprete também pode agir criticamente como ator discursivo, ainda que inconscientemente assuma essa posição, porque seleciona seu repertório e dá voz aos discursos de alcance público. Artistas, sobretudo, representam papéis sociais com os quais se identificam nos modos de pensar, criar, expressar e até objetar os traços culturais. Vinculam-se a comunidades linguísticas, produzem gêneros discursivos e geram o sentimento de aliança e compartilhamento de ideias. Por isso, não se pode separar a formação discursiva e as condições de produção do discurso musical. Além das histórias de vida dos artistas, dos movimentos, das crises sociais que vivenciam, da comunidade que representam, há relações entre o texto e a melodia, entre o discurso da canção e os outros discursos que se contextualizam como interdiscursos; entre a circulação da canção (produção e recepção, difusão nos meios de comunicação) e os silenciamentos históricos e entre o discurso e os gêneros musicais, estes construídos também como práticas sociais em condições históricas.

O projeto não pretende discutir os domínios da teoria musical, ainda que se apresentem como importantes para uma descrição mais densa sobre a relação entre música e discurso, mas, em um esforço interpretativo e metalinguístico, anseia proceder análises sobre a produção do texto musical em diálogo com sua função sociopolítica.

Muitas canções tornaram-se, no seio dos grupos e dos movimentos de representação política, discursos que adquiriram um estatuto denominado *constituente*. Maingueneau (1987) denomina como tal as práticas discursivas que projetam modos de pensar e viver em uma sociedade, produzido por



vozes legitimantes, nas quais se fundam outros discursos e servem de modelos para as comunidades linguísticas.

A AÇÃO “LITERATURA NÃO TEM IDADE”

Nesta proposta, pensamos uma ação intitulada “Literatura não tem idade” que atendesse a idosos e a idosas do Centro de Capacitação Juracy Paiva, mantido pela prefeitura do município Tomé Açu e que pudesse pelos multiletramentos realizar uma experiência sensorial, afetiva e estética com o discurso literário. A ação contou com 70 idosos do Centro, através do Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos e objetivou possibilitar reflexões e uma aproximação ainda maior da comunidade do município de Tomé-açu com a vivência do *Campus* e com as atividades artístico-literárias desenvolvidas pelos discentes do cursos de Letras, através do Projeto de extensão Tecituras.

Durante a programação, os idosos participaram de dinâmicas com poemas de Mário Quintana e do paraense Antônio Juraci Siqueira, da leitura de crônicas de autores como Martha Medeiros, Charles Chaplin. Na oficina, além de interagirem com a experiência estética da arte literária, os idosos puderam refletir sobre temas existenciais, como a esperança, o sentido do tempo e os aprendizados da vida.

A ideia era propiciar uma experiência lúdica com a linguagem, na qual estes sujeitos se sentissem ativos e pudessem reconstruir sentidos, por meio do acesso às múltiplas linguagens, a contação de histórias, a poesia, a música e, assim, interagir com o discurso literário, ressignificando suas narrativas, vivências, memórias, por meio de uma ação plurifocal que estreitasse a relação entre a linguagem poética e as suas identidades. A programação tentou contemplar materiais linguísticos que pudessem ativar as vozes, os temas e os discursos conectados à rede de afetos e à estrutura de sentimentos do público, que, muitas vezes, sente-se silenciado por experiências negativas com a família, com a comunidade. Queríamos mostrar que a Literatura não estava distante deles, não só ali na Universidade que estavam visitando, mas em suas vidas, já que muitos já tinham experienciado os discursos literários, por meio das múltiplas vivências com a linguagem.

Começamos, então, a ação pedindo para que uma participante lesse o poema “Tempo” de Mario de Miranda Quintana, perguntando se eles também tinham a impressão que os anos passam tão depressa. Passado esse momento inicial, apresentamos o poeta, seus principais trabalhos, reforçando que a figura poética da morte é muito presente nos poemas deste poeta gaúcho que viveu até seus 87 anos (1906-1994). Quintana, quando inclui a morte em seu discurso poético é sempre de forma doce e forte, pois a assimila de maneira sutil. O poeta parece culpar o tempo por seu fim de vida e, talvez,



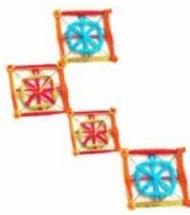
por isso se utilize tanto de suas lembranças. Em sua poesia, o tempo é tomado como elemento ritualístico, revitalizando memórias, recuperando períodos de vida e mitificando-os.

Este exercício de refletir sobre a morte, a partir de alguns poemas de Mário Quintana, ativou uma percepção mais otimista da vida e estabeleceu uma aproximação dos idosos e idosas com uma poesia com traços existencialistas, capaz de levar a uma experiência afetiva, sensorial com o discurso literário, mas também filosófica. A literatura é, portanto, um lugar privilegiado de acesso a discursos de toda natureza, em que até os temas mais delicados encontram guarida. Neste momento também o professor Geovane Belo, coordenador do Projeto, fez uma dinâmica a partir do “Poeminha do Contra” do mesmo autor.

Mais que falar do poeta gaúcho, intencionamos mostrar que o tema da morte, da brevidade da vida, dos anseios e desejos passados e futuros, não estavam só em Quintana, um grande nome da Literatura, mas circulavam em diversos textos. Às vezes, não nos damos conta porque são somos motivados a isso, não somos convidados a olhar com outros olhos todos os textos que circulam em nosso entorno.

Em seguida, um integrante do Projeto Tecituras realizou uma contação de histórias e apresentou uma versão do mito do boto. Este encantado da Amazônia povoa o imaginário da região, posto que se acredita na sua transmutação mágico-religiosa do animal em homem, tornando-se um sedutor de moças ribeirinhas. Há diversas narrativas que emanam dos saberes sociais na Amazônia ribeirinha, onde se situa o município de Tomé-açu. As narrativas orais passam por um processo de conversão semiótica quando o mito narrado, história transmitida oralmente, transmuta-se em uma narrativa literária. Os idosos e as idosas, neste momento, puderam compartilhar algumas destas narrativas que pertencem à poética das águas e fecundam uma linguagem de encantarias. Muitas destas histórias fazem parte do processo de formação de suas identidades, já que muitos destes senhores e senhoras advêm do “interior”, isto é, de comunidades ainda mais isoladas dos centros urbanos, onde as histórias adquirem ainda mais o caráter extraordinário.

A exemplo, trouxemos também para a ação um conjunto de materiais discursivos, com o intuito de dar ênfase a uma fase da vida em que o tempo pode ser visto como aliado, não como inimigo, por isso a atividade com os multiletramentos contou com o poema de Geraldo Eustáquio de Souza que discute a vida, sua passagem como possibilidade de sermos felizes e as mudanças do tempo, tal qual Mário Quintana. Também fizemos uma comparação entre a crônica “Trem-Bala” de Martha Medeiros e a música de mesmo nome de Ana Carolina Vilela da Costa, bem como falas de Charles Chaplin, este conjunto textual discutiu a urgência do “carpe diem”, o mirar-se no dia recente.



Estes discursos literários também acionaram junto aos participantes uma experiência bem humorada e positiva com a existência, pois permitiram uma relação atraente com a linguagem, pautada em temas que evocam questões muito pertinentes à pessoa idosa. Aqui estão alguns destes materiais discursivos:

A Idade de Ser Feliz

Existe somente uma idade para a gente ser feliz
somente uma época na vida de cada pessoa
em que é possível sonhar e fazer planos e ter energia bastante para realizá-los a despeito de todas as dificuldades e obstáculos

Uma só idade para a gente se encantar com a vida
e viver apaixonadamente
e desfrutar tudo com toda intensidade sem medo nem culpa de sentir prazer

Fase dourada em que a gente pode criar e recriar a vida
à nossa própria imagem e semelhança e sorrir e cantar e brincar e dançar e vestir-se com todas as cores

e entregar-se a todos os amores experimentando a vida em todos os seus sabores
sem preconceito ou pudor

Tempo de entusiasmo e de coragem em que todo desafio é mais um convite à luta
que a gente enfrenta com toda a disposição de tentar algo novo, de novo e de novo, e quantas vezes for preciso

Essa idade, tão fugaz na vida da gente, chama-se presente,
e tem apenas a duração do instante que passa ...
... doce pássaro do aqui e agora que quando se dá por ele já partiu para nunca mais!

Geraldo Eustáquio de Souza

Trem bala

Não é sobre ter todas pessoas do mundo pra si
É sobre saber que em algum lugar alguém zela por ti
É sobre cantar e poder escutar mais do que a própria voz
É sobre dançar na chuva de vida que cai sobre nós

É saber se sentir infinito
Num universo tão vasto e bonito é saber sonhar
Então, fazer valer a pena cada verso
Daquele poema sobre acreditar

Não é sobre chegar no topo do mundo e saber que venceu
É sobre escalar e sentir que o caminho te fortaleceu
É sobre ser abrigo e também ter morada em outros corações
E assim ter amigos contigo em todas as situações

A gente não pode ter tudo
Qual seria a graça do mundo se fosse assim?
Por isso, eu prefiro sorrisos
E os presentes que a vida trouxe pra perto de mim

Não é sobre tudo que o seu dinheiro é capaz de comprar
E sim sobre cada momento sorriso a se compartilhar
Também não é sobre correr contra o tempo pra ter sempre mais
Porque quando menos se espera a vida já ficou pra trás

Segura teu filho no colo
Sorria e abrace teus pais enquanto estão aqui
Que a vida é trem-bala, parceiro
E a gente é só passageiro prestes a partir

Laiá, laiá, laiá, laiá, laiá (2x)
Segura teu filho no colo
Sorria e abrace teus pais enquanto estão aqui
Que a vida é trem-bala, parceiro
E a gente é só passageiro prestes a partir

Ana Carolina Vilela da Costa



Por muito tempo acreditei que a fórmula da felicidade estava no triângulo amor-saúde-dinheiro. Acredito, ainda, que ter o coração preenchido, o corpo funcionando 100% e um saldo decente no banco alivia à beça as dores do mundo. Se você não está só, não está doente e não está duro, vai se angustiar por quê? Você não está só, não está doente e não está duro, porém jamais consegui ir ao cinema sozinho, ou viajar sozinho, ou dar uma caminhada sozinho. Você não consegue escolher entre um casaco preto e um marrom sem consultar uma segunda opinião. Você nunca aceitou um emprego sem antes saber o que a sua turma pensava a respeito, nunca tomou uma decisão que fosse desaconselhada pelos parentes, nunca abriu um champanhe para si mesmo. [...]

Amor, saúde e dinheiro persistem como a tríade dos sonhos, mas o século XXI está colocando na prateleira um kit suplementar: independência, autoestima e bom humor. Adquirá-o. A felicidade não depende só do cumprimento de metas vitais, mas também de atitudes mundanas.

Martha Medeiros

A coisa mais injusta sobre a vida é a maneira como ela termina. Eu acho que o verdadeiro ciclo da vida está todo de trás pra frente. Nós deveríamos morrer primeiro, nos livrar logo disso.

Daí viver num asilo, até ser chutado pra fora de lá por estar muito novo. Ganhar um relógio de ouro e ir trabalhar. Então você trabalha 40 anos até ficar novo o bastante pra poder aproveitar sua aposentadoria. Aí você curte tudo, bebe bastante álcool, faz festas e se prepara para a faculdade.

Você vai para colégio, tem várias namoradas, vira criança, não tem nenhuma responsabilidade, se torna um bebezinho de colo, volta pro útero da mãe, passa seus últimos nove meses de vida flutuando. E termina tudo com um ótimo orgasmo! Não seria perfeito?

Charles Chaplin

Observando os textos acima, renunciamos à definição de um centro ou um lugar consagrado. As condições do *dizer* atravessam o *dito*, que investe suas próprias condições de enunciação (o estatuto do escritor associado ao seu modo de posicionamento no campo literário, os papéis ligados aos gêneros, a relação com destinatário construída através da obra, os suportes materiais, os modos de circulação dos enunciados, etc.)

[...] uma análise do discurso literário deve levar em conta formas de criação as mais diversas: a literatura se nutre de toda energia criadora, daquela que leva o escritor a viver através de seu próprio refúgio do mundo, assim como daquela que o coloca no centro dos movimentos da sociedade. [...] para os escritores, o exercício do discurso literário não é, então, a entrada

em um mundo onde as obras dialogariam pacificamente. A criação vive desses gestos pelos quais o escritor rompe um fio, sai do território esperado, desloca, desvia, exclui ou ignora, reavalia outras obras. (MAINGUENEAU, 2003, Trad. MELLO, R. 2005, p.20)

O discurso literário não tem território próprio: toda obra é *a priori* dividida entre o fechamento sobre o *corpus*, reconhecido como plenamente literário, e a abertura à multiplicidade das práticas languageiras que excedem esse *corpus*. A delimitação do que seria ou não literatura depende de cada posicionamento e de cada gênero no interior de certo regime da produção discursiva. Por isso, nesta oficina com idosos, optamos pela noção de discurso literário a tomando como uma prática leitora através da qual se identificam traços literários, perceptíveis a diversos leitores. A seleção do material discursivo para a ação se deu através do diálogo entre os integrantes do Projeto Tecituras com enfoque na identidade da terceira idade. Então, a música, o poema e as dinâmicas com materiais péticos são concebidos como práticas languageiras que contemplam traços do chamamos convencionalmente de literatura.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como vimos, a ação do Projeto está orientada por uma concepção sociointeracionista e discursiva de estudo da linguagem, no qual a música, a literatura e arte em geral podem adquirir além do valor estético, uma dimensão histórico-social, na qual se observam as relações dos textos com os sujeitos da enunciação em diversos modos de saber, de comunicar e de pensar a cultura. Para a Análise do Discurso, os sujeitos se constituem por uma ligação da ideologia socialmente e historicamente inscrita. Para Michael Bakhtin (1990), o indivíduo só se constitui um sujeito na e pela enunciação.

Desse modo, é no processo dialógico e nas suas repercussões no meio social que devemos focar ao propor uma ação de base analítico-discursiva. Espera-se que o projeto auxilie na formação e na produção de pesquisas nos campos da Recepção do Texto Literário, da Análise linguística e discursiva, em diálogo com os Estudos Culturais e as práticas sociais de uso da língua. Os textos que circulam no meio social podem propor reflexões e construir representações sobre os saberes interculturais também da pessoa idosa. Como nos diz Foucault (1981, p. 223): “a representação comanda o modo de ser da linguagem, dos indivíduos, da natureza e da própria necessidade humana. A análise da representação tem, portanto, valor determinante para todos os domínios empíricos”.

Os professores e alunos da UFRA, inseridos em um meio de forte difusão cultural, puderam produzir conhecimentos humanísticos compartilhados com o grupo de idosos que participou da ação

“Literatura não tem idade” com pessoas idosas do Centro de Capacitação Juracy Paiva. Experiências assim possibilitam que a Universidade atue de maneira mais direta com a comunidade, como produtora de um retorno social significativo e que dialoga com modos interdisciplinares e transdisciplinares de produção do conhecimento e dos saberes sociais. Por meio de um exercício focado nos multiletramentos, a atividade extensionista do Projeto Tecituras levou idosos e idosas a reconstruírem significados sobre a vida por meio do discurso literário.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail (Voloshinov, 1929). **Marxismo e filosofia da linguagem**. Trad. de Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec, 1990.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**/Michel Foucault; tradução de Luiz Felipe Baeta Neves, -7ed. - Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

FOUCAULT, Michel. **As palavras e as coisas**: Uma arqueologia das ciências humanas. Trad. Salma Tannus Muchail. 3.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1981.

LAJOLO, Marisa. **Literatura**: ontem, hoje, amanhã. São Paulo: Unesp, 2018.

MAINGUENEAU, D. **Nouvelles tendeces em analyse Du discours**. Paris: Hachette, 1987.

MAINGUENEAU, D. **Análise do Discurso em Perspectiva**. Belo Horizonte: NAD/FALE/UFMG, 2003.

MELO, R. **Análise do Discurso & Literatura**. Renato de Melo (Org.). Belo Horizonte: NAD/FALE/UFMG, 2005.

PÊCHEUX, Michel. Delimitações, Inversões, Deslocamentos. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, n.19. Campinas: Unicamp. 1990, p. 7-24.

QUINTANA, Mário. **Quintana de bolso**: rua dos cataventos & outros poemas. Porto Alegre: L&PM, 2007.

SAID, Edward. **Representações do Intelectual**: as conferências Reith de 1993. Trad. Milton Hatoum. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

SIRINELLI, J.-F. **Génération intellectuelle; Khâgneux et Normaliens dans l'entre deux-guerres**. Paris, Fayard, 1988.